

## PASSOS INICIAIS DO CRONISTA JOÃO UBALDO RIBEIRO: O RISO NO CONTEXTO DA DITADURA MILITAR

Karina Ramos Barbosa<sup>1</sup>

**Resumo:** Os primeiros passos do escritor João Ubaldo Ribeiro ocorreram em alguns suplementos literários circulados nos idos dos anos sessenta na Bahia. Entretanto, a alavanca que impulsionou também sua carreira como romancista foi a experiência precoce como redator do *Jornal da Bahia* (JBa), nesse período, ainda aos dezessete anos. O seu retorno a esse tipo de produção diária ocorreu através da inovação do colunismo introduzida pelo JBa no contexto do jornalismo baiano. Entre os anos de 1969 e 1970, João Ubaldo escreveu a coluna de crônicas *Satyricon*, um espaço cômico, engajado e corajoso. No contexto da ditadura imposta pelo regime militar, restou a intelectuais comprometidos com suas ideias e ideais fazer uso de diferentes ferramentas para driblar as mordidas e a tortura. No caso de João Ubaldo Ribeiro, ele escolheu o riso como uma saída sutil, inteligente e leve para expressar o discurso dissonante da esquerda, como um coro praticamente uníssono entre os intelectuais baianos naquele período e naquele periódico. Mais do que um drible à ditadura, a comicidade presente nesses textos torna possível o resgate de fragmentos do cotidiano e de parte da história da Bahia e de Salvador naquele momento histórico conflituoso e tenso.

**Palavras-chave:** crônica; comicidade; engajamento; imprensa.

## FIRST STEPS OF JOÃO UBALDO RIBEIRO AS A CHRONICLER: THE COMICALITY IN THE MILITARY DICTATORSHIP IN BRAZIL

**Abstract:** The first paths of the writer João Ubaldo Ribeiro occurred in some literary supplements edited in the sixties in Bahia. Otherwise, the leverage to stimulate also his career as a novelist was his early experience as editor of the newspaper *Jornal da Bahia* (JBa), when he was seventeen years old. Years later, João Ubaldo Ribeiro returned to the office in diary writings, through the columns innovating Bahia press, introduced in the pages of JBa. During the years of 1969 and 1970, João Ubaldo Ribeiro wrote the column of chronicles *Satyricon*, a funny, brave way of criticism. In that period of dictatorship imposed by military regime, the Brazilian intellectuals committed with their ideas used different ways to divert the gags and torture. Like others, João Ubaldo Ribeiro chose in laughter an intelligent and subtle escape to express the left unpopular discourse, composing a chorus with others intellectuals of Bahia in that period and newspaper.

**Keywords:** chronicle; laughter; commitment; press.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Cultura pelo Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

É um desafio discorrer sobre como se deram os primeiros passos do escritor João Ubaldo Ribeiro como cronista, na sua segunda experiência no antigo *Jornal da Bahia* (JBa) entre os anos de 1969 e 1970. No referido contexto histórico, o autor reflete, analisa experiências vivenciadas pelos cidadãos baianos e soteropolitanos contemporâneos. Em meio ao sucesso da copa do mundo de 1970, seguem-se as marteladas e as mordanças ideológicas impostas pela ditadura militar no Brasil, especificamente delimitadas pela ação impetrada através do Ato Institucional Número Cinco (AI-5).

No campo do JBa, os jornalistas e colaboradores sentiram os reveses do golpe. Mas o poder do uso da palavra escrita, na crônica diária, próxima do leitor, a dialógica foi um instrumento utilizado para retratar acontecimentos e eventos de importância história e social. O riso como recurso retórico e estético, aliado à ironia e à sátira, apresenta a dura realidade vivenciada pelos intelectuais, silenciados pela imposição ditatorial. Uma saída com graça que merece ser deslindada com apuro.

## **1 A trilha inicial como cronista**

Dentre os atributos mais conhecidos do escritor João Ubaldo Ribeiro, destaca-se o de grande leitor. Reconhecido por ele mesmo, a sua trajetória como leitor inicia-se desde a infância. A sua habilidade com as palavras, decorrente da sua familiaridade com livros e clássicos, rende-lhe a sua experiência como redator de jornal aos 17 anos, quando, juntamente com Glauber Rocha, atua, atua no *Jornal da Bahia*.

Da primeira experiência como redator, João Ubaldo Ribeiro retorna ao JBa em 1969, agora já graduado em Direito, mestre em Economia e iniciado na carreira literária. Desta feita, ele será responsável pela produção de *Satyricon*, uma coluna de crônicas escritas desde janeiro de 1969 até agosto de 1970.

Nos idos dos anos setenta, acompanhado por um grupo de amigos e num espaço profícuo de desenvolvimento intelectual, figura a importância do nome de Glauber Rocha, reconhecido por João Ubaldo como grande amigo e inspirador para o início da sua trajetória na produção literária. Decorridos alguns anos desse início entusiástico que definiria o rumo de muitos intelectuais baianos, surgiria uma geração profícuo em

textos, ideias e reflexões críticas sobre a sociedade. Sobre essa geração e os conflitos ideológicos por ela enfrentados, Moacyr Scliar, citado por Bernd e Utéza (2001, p. 9), refere-se a ela com as seguintes palavras: “Nossa geração começou a publicar nos anos 60 e 70. É uma geração marcada, portanto, pela conjuntura política: pelo golpe de 64, pela repressão pela censura. Tudo isto está em João Ubaldo... Poucos escritores captaram, como ele, o espírito de nossa gente”.

É também esclarecedor o depoimento de Cacá Diegues, citado por Franceschi (1999, p. 16), ao comentar como foi seu encontro inicial com João Ubaldo:

Num fim de tarde, fui procurar Ubaldo na sede do extinto *Jornal da Bahia* onde se não me engano, ele já era coisa para burro na redação. Jornalista ainda jovem, porém já muito conhecido e respeitado, ele tinha acabado de chegar de uma temporada de estudos nos Estados Unidos, de onde voltara com muita informação literária nova e um inglês de humilhar.

A julgar pela descrição, percebe-se a referência ao segundo momento de colaboração no JBa, onde João Ubaldo passa, então, a atuar como colaborador e como colunista na coluna *Satyricon*. As palavras de aparente falsa modéstia do escritor confirmam, porém, a importância da imprensa na formação da sua carreira como intelectual, conforme citado por Franceschi (1999, p. 31):

Eu fui um péssimo repórter porque era tímido demais. Mas, como falava inglês bem era sempre designado para entrevistar personalidades que se expressavam nesse idioma. Outra qualidade que me ajudou a subir nos jornais em que trabalhei: eu escrevia rápido. Tinha bom senso e era ligeiro: quem trabalha na imprensa sabe o quanto isso é importante na redação. Além do mais, eu trabalhava muito. Fazia sozinho quase o jornal inteiro.

A trilha de jornalismo fomenta a do escritor, que revela o aspecto modelador imposto pela imprensa diária. O comentário de João Ubaldo descreve essa rotina: “O Jornalismo dá disciplina. A matéria precisa ter 28 linhas e ponto. Quarenta e cinco linhas e ponto. Com horário marcado: o jornal fecha às 11 e 30. Não há saída: você tem que escrever” (FRANCESCHI, 1999, p. 32).

O ofício diário de produção de jornais aguça a técnica do escritor João Ubaldo Ribeiro e estabelece o ritmo da sua produção literária inicial. O incentivo do amigo

Glauber à escrita sobre o Brasil começa a ser atendido nos romances, e os reflexos desse pedido podem ser vistos também na coluna *Satyricon*.<sup>2</sup>

## 2 Presença e importância social e cultural da coluna *Satyricon*

Os anos de 1969 e 1970 foram marcados no Brasil por muitos acontecimentos ligados à história da ditadura militar recém-instaurada desde o golpe em 1964. Além disso, acontecimentos no entorno desse contexto atestavam um ambiente político de tensões em todas as esferas da sociedade. Nesse conturbado cenário, inscreve-se a produção de crônicas no histórico Jornal da Bahia. Essa coluna é sugestivamente intitulada *Satyricon*, numa alusão evidente ao romance de Petrônio, predizendo o viés cômico, satírico e irônico presente em muitos de seus escritos.

A coluna *Satyricon* era assinada por João Ubaldo Ribeiro com as iniciais do primeiro nome e primeiro sobrenome, com o último sobrenome desdobrado. Com essa coluna, Ubaldo marcava o seu retorno celebrado àquele periódico, agora como colunista. No referido contexto histórico, o então cronista compreende, reflete, analisa experiências vivenciadas pelos cidadãos baianos e soteropolitanos, numa escrita reveladora, próxima do tom de bate-papo, de diálogo intimista e, por vezes, confessional.

O espaço *Satyricon* é aberto ao diálogo, ao encontro com o leitor e do leitor com a produção literária do cronista. Exemplo disso é a transcrição a seguir de trecho de uma dessas crônicas, na qual o escritor-cronista delibera sobre a recepção de seu romance *Setembro não tem sentido*<sup>3</sup>:

Mas não é isso. Eu tenho um livro escrito e algumas pessoas compram esse livro. Como o título é “Setembro Não Tem Sentido”, suponho que os compradores são todos nascidos em Setembro, que julga poder esclarecer, pela leitura do livro, tão insólita afirmação sobre seu mês de aniversário. Pessoalmente eu nunca vi ninguém comprar meu livro, embora tenha feito diversas tentativas, encostado pelos cantos das

---

<sup>2</sup> O comentário de João Ubaldo Ribeiro em 20 de julho de 2012 confirma a influência do colega e amigo Glauber Rocha no incentivo à produção literária.

<sup>3</sup> O romance *Setembro não tem sentido* foi escrito em 1968, no ano anterior à crônica “O Sucesso literário”, esta publicada no Jornal da Bahia em 05 julho de 1969 e citada nesse trecho do artigo. A crônica remete à publicação do primeiro romance do escritor e à sua recepção pelo público leitor. O comentário descreve essa expectativa de forma cômica e especulativa e faz da coluna um espaço também de divulgação dos seus romances.

livrarias, olhando os balcões de soslaio, com ares misteriosos. Dever ter gente que pensa que eu sou investigador, ou coisa parecida. Mas só vi alguém pegar meu livro uma vez e foi uma velhinha muito simpática, que segurou um exemplar, abriu no meio, leu durante cerca de um minuto, cheirou e largou o troço lá mesmo. Não deve ter gostado do cheiro. Outra vez, presenciei uma devolução. Uma moça trocou meu livro por dois romances policiais, daqueles portugueses. Bem, pelo menos valia dois romances policiais. Só que ela não precisava ter usado aqueles objetivos em relação a meu livro, feriu meus sentimentos. (RIBEIRO, 1969a, p. 1)

A coluna não apenas apresenta acontecimentos relacionados à carreira inicial de João Ubaldo Ribeiro como escritor, mas traz também um conjunto bastante variado de assuntos, numa diversidade de temáticas entrelaçadas tão somente pela presença do viés de comicidade na quase totalidade dessas produções de crônicas. Dentre os assuntos tratados nela, citam-se aqueles ligados à cidadania como: “Abastecimento de Luz, de Água”, “Administração Pública”, “Festas Populares”, “Saúde”, “Avanço Tecnológico e Científico”, “Exclusão Social”, “Futebol e Copa do Mundo”, “Arte e Cultura”, “Política Internacional”, “Incômodos causados por Insetos”, “Viagem Espacial”, “Ofício como Cronista”, “Abastecimento de Carne e Comida”, dentre muitos outros. Do ponto de vista dos gêneros textuais, na produção da coluna *Satyricon*, é encontrada uma infinidade de tipos e gêneros textuais que vão desde poemas, a questionários, cartas, paródias de discurso histórico, contos seriados e até reprodução das falas de programas televisivos, dentre muitos outros.

### 3 Nas malhas de *Satyricon*

#### 3.1 A crônica e o contexto de *Satyricon*: ao rés do chão da Bahia

O lastro histórico em que é veiculado o JBa explica a necessidade de um protesto explícito ou velado que refletisse o discurso dos perseguidos pelo sistema político instaurado no Brasil, que reverberava na perspectiva editorial do jornal sob o comando editorial de João Carlos Teixeira Gomes. João Falcão (2006, p. 10), sócio majoritário e mantenedor do periódico, narra alguns acontecimentos marcantes daquele período.

O jornal da Bahia marchava firmemente seu caminho, quando em abril de 1964, a vitória da ditadura, que chamaram de “revolução”, impôs uma longa censura em toda a imprensa do país. Em 1970, foi

nomeado para governar a Bahia o ex-prefeito e governador biônico Antonio Carlos Magalhães, que se tornou inimigo implacável do jornal, obcecado pelo propósito de fechá-lo.

A guerra ideológica entre os intelectuais dessa época e o *status quo* pode ser confirmada a partir do destaque acima. Nele são registradas as tensões entre autoridades políticas e algumas correntes de pensamento de esquerda que reagiam aos golpes da ditadura. Dentre estas, encontram-se os intelectuais e colaboradores do JBa.

Os conflitos ideológicos refletiram-se nas malhas da produção cronística e jornalística como parte do cotidiano dos jornalistas e colaboradores do periódico. João Carlos Teixeira Gomes (2001, p. 53-54) registra a tensão daquele momento:

Eu assumira a chefia da redação do Jornal da Bahia interinamente logo após o golpe, em virtude de um colapso nervoso sofrido pelo titular anterior que, diante de sucessivas [incompleto] da nossa rede por tropas militares, em busca de documentos incriminadores, fora vítima de uma disbulia e refugiara-se em casa, incapacidade de sair. [...] o fato de nunca pertencera ao partido Comunista, nem desenvolvera militância ideológica, fora providencial para a minha permanência no cargo...

A minha independência moral conferia-me autoridade moral para lidar com generais e coronéis ameaçadores.

Três anos depois da posse do novo editorchefe, ocorreria uma outra que se confundiria ainda mais com a história do periódico. Trata-se da posse de Antonio Carlos Magalhães como prefeito da cidade de Salvador. O relato ainda fica por conta de Teixeira Gomes sobre a relação estabelecida entre o evento e suas consequências imediatas:

Sua posse ocorreu em 13 de fevereiro de 1967 e tempos depois se revelaria desastrosa para o Jornal da Bahia, pois foi ainda como prefeito que ele iniciou, em 1969, as sistemáticas perseguições destinadas a submeter ou silenciar o matutino, dando sequência ao duro assédio militar contra o jornal e seus integrantes. Logo após instaurado o golpe, além das minhas frequentes idas ao quartel da VI Região para receber ameaças e das periódicas invasões da nossa sede para a coleta de documentos nos arquivos (GOMES, 2001, p. 61).

A disputa entre o prefeito e o Jornal da Bahia foi comprovada através da nota publicada pelo colunista político Newton Sobral, escrita na página 3 da edição de 4 de outubro de 1969 em que o jornalista registra o descrédito pelo modelo de política praticado por Antônio Carlos Magalhães, descrevendo-o como “demasiadamente

político e insuficientemente ‘polido’” (GOMES, 2001, p. 63) e como um elemento desagregador da ARENA.

Como uma resposta a esse conflito instaurado, o JBa conta com fortes escudeiros dentre os quais destaca-se o seu editor-chefe, João Carlos Teixeira Gomes. Além da ajuda de outros colaboradores, na mesma sintonia, registra-se também a inovação do colunismo como espaço aberto para João Ubaldo Ribeiro engajar-se nessa batalha de cunho político-ideológico. Nessa coluna, ele desenvolve seu estilo mais solto e espontâneo na produção de crônicas, quando ele encontra uma alternativa de manutenção financeira, paralela ao início da sua carreira como romancista.

### 3.2 A crônica em coluna: um entre-lugar privilegiado

Algumas considerações sobre a crônica como gênero são necessárias, visto que algumas dessas características nas produções da coluna *Satyricon* atestam a formação de um constructo intelectual questionador, refletindo as tensões já citadas, que fomentaram reações de diversos tipos. A crônica, caracterizada pela sua similar fugacidade do jornal como periódico diário, sofre com ele da pressa, do relato do circunstancial, da voracidade cotidiana dos acontecimentos relatados que servem como substrato a muitas produções.

Se o simpático cavalheiro, ou a bela senhorita, que agora me lêem, ficam sem saber porque levei tanto tempo para chegar ao assunto, informo que esta crônica ocupa duas laudas e meia de papel a 30 linhas por lauda, de maneira que ninguém pode culpar-me por encher um bocadinho de linguiça de vez em quando visto que não é mole a gente cascar duas laudas e meia todo santo dia. (RIBEIRO, 1969b, p. 1)

O clima de aproximação e de bate-papo presente nessa crônica trava um diálogo direto com o leitor, permite ao cronista desenhar uma *persona* narrativa, adotando um tom suposto de desabafo sobre as agruras do seu ofício de redator diário.

O tom de diálogo permite à crônica transitar entre os terrenos escorregadios da historiografia ao circunstancial, aproximando o tom formal do relato historiográfico das margens da literariedade. O diálogo entre cronista e leitor se estabelece de forma menos performática:

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento

provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. (SÁ, 1985, p. 23)

Aliado ao dialogismo, o traço de leveza presente no relato dos assuntos cotidianos faz da coluna *Satyricon* um espaço de entretenimento, ao mesmo tempo em que permite o diálogo entre o relato jornalístico e historiográfico. Encontramos também alguns textos com a reprodução de fala de programas televisivos transmitidos naquela época. Nessa última categoria, podemos encontrar como exemplo o excerto de crônica abaixo:

Senhoras e senhores, a televisão baiana também está presente ao lançamento da nave Apolo 9, com destino à Lua, através do satélite Immersault. Alias não é bem assim o nome do satélite. Como é mesmo o nome do satélite, Miranda? Intossalt? Iterzalt? Pois bem, através dessa maravilha da era espacial, que é o satélite Iniusalt, podemos finalmente proporcionar aos telespectadores, diretamente de Cabo Kennedy, a oportunidade de contemplar em pri"meira mão a vista do homem a lua. É verdadeiramente empolgante, senhores telespectadores! Vamos agora tentar o primeiro contrato com a imagem de Cabo Kennedy. Alô, alô, Cabo Kennedy. Alô, alô! (RIBEIRO, 1969c, p. 1)

Além de representar o espaço dos programas televisivos, o tom do relato resgata a vibração do momento da ida do homem à lua, conferindo ao ocorrido uma interpretação jocosa, que resgata o espaço dialógico, despretensioso e aproximado do leitor diário do jornal, um espaço propício à produção cronística.

#### **4. O drible do riso: um recurso retórico e uma saída**

Dos acontecimentos registrados no JBa, muito do que se escreve é descrito e narrado com leveza no universo de *Satyricon*, através da experimentação de um estilo de escrita arguto, irônico, com sátira e humor. As crônicas apresentam uma apreciação lúdica e zombeteira no relato dos acontecimentos circunstanciais. O riso permite carnavalizar os fatos mencionados no periódico e inferir interpretações inusitadas. Vale conferir as palavras de Mikhail Bakhtin (1996, p. 43) a respeito:

o riso e a visão carnavalesca do mundo [...] destroem a seriedade unilateral e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o

desenvolvimento de novas possibilidades. Daí, que uma certa carnavalização da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico.

O cronista registra não apenas o destino do jornal, mas está também interessado em saber quem são seus leitores. Considerando o contexto da recepção, o cronista de *Satyricon* relata a sua reação quanto à receptividade de suas produções cronísticas:

Finalmente, a recepção que obtenho nos lugares que freqüento é suficiente para recompensar o trabalho diário. Geralmente, um amigo meu me apresenta:

- Este é o rapaz que escreve *Satyricon*.
  - Quê escreve o quê? – pergunta o apresentado, polidamente.
  - O *Satyricon*. Ah-ah! Não sabe? Aquela coluna do Jornal da Bahia?
  - Pois não, pois não – diz o apresentado. – Agora que conheço o senhor, vou procurar ler.
  - Não vale a pena – digo eu, modestamente, e vou saindo.
- Aí, junto do bar, encontro sempre um conhecido, que me bate no ombro entusiasticamente.
- Como vai, tudo bem? Tenho lido sempre suas crônicas! A de hoje está muito fraca, muito fraca!
  - Não espalhe – digo eu. (RIBEIRO, 1970a, p. 1)

A despeito da ironia registrada sobre impopularidade como colunista, o traço do riso nela presente não observável é apenas na crônica, mas em outras composições literárias suas e merece ser compreendido para além do mero desejo de diversão. Para tanto, retornemos a Aristóteles, para quem a poesia cômica imita as ações de personagens com as mais baixas inclinações, volta-se para as ações ignóbeis, indesejáveis ou inaceitáveis. A comédia, assim compreendida, é imitação de homens inferiores ou, pelo menos, em atitudes ignóbeis.

Percebemos que a análise de torpezas e baixezas ligadas à imitação da natureza humana, nesse viés, coube à comédia e, por extensão, à comicidade observada em outras composições literárias, inclusive a crônica. Para Henri Bergson (1983), o cômico destina-se à inteligência pura. E podemos perceber que, para produzir a comicidade, é preciso que o narrador ou poeta mantenha seu olhar de cima para baixo. De outro modo, para fazer rir, é preciso refletir, diferentemente do *pathos* evocado pelo olhar trágico. Percebemos, conforme Bergson, ser necessária certa anestesia momentânea do coração para a produção do efeito cômico. Além disso, claramente observável é a dimensão social do riso: não se pode desfrutar o cômico estando isolado.

É nessa dimensão coletiva e de repercussão social necessária para produção do cômico que se insere a tradição de produção cronística de João Ubaldo Ribeiro e, em especial, a gênese da sua trajetória *gauche* como colunista. Considerando a relevância do desvio produzido pelo cômico, é útil ler a observação de Bergson (1983, p. 11):

Homens como D. Quixote são também corredores que caem, e ingênuos a quem se engana, corredores do ideal que tropeçam em realidades, sonhadores cândidos que a vida maliciosamente espreita. Mas sobretudo grandes desviados, com uma superioridade sobre os demais, dado que o seu desvio é sistemático, organizado em torno de uma idéia central – porque as suas desventuras estão também ligadas, bem ligadas pela lógica inexorável que a realidade aplica para corrigir o sonho – e porque provocam em torno de si, por efeitos capazes de se somarem sempre uns aos outros, um riso cada vez maior.

É compreensível a escolha do tom sugestivo da comicidade para tratar de tensões que envolviam desde a sobrevivência do periódico até o risco de vida e a tentativa de silenciamento a que foram submetidos os seus redatores. É importante ressaltar, portanto, que o riso estaria, de outra sorte, ligado ao traço de uma leitura diferente proposta pela crônica, se comparada a outros gêneros textuais presentes no jornal diário:

Dado que a função da crônica não é a de informar, sua relação mais próxima com o jornal está com o fato diário, fato este que se torna mote do cronista. Cabe avaliar em cada cronista se este mote é o que sufoca a crônica ao papel degradável do jornal.

Quando lemos este gênero buscamos uma leitura breve, agradável, com fluência. (MARTINS, 2010, p. 109)

No universo de *Satyricon*, essa leitura agradável funciona também como um drible à mordada ideológica imposta pela ditadura militar e sentida naquele contexto local, tanto na sociedade quanto na redação do JBa. Nenhuma das crônicas faz menção direta à ditadura, mas, pelos elementos apresentados, fica clara a alusão à mordada imposta pelo regime. Para resolver esse problema do silenciamento, encontra como saída o recurso do riso, da comicidade que, atenuando a tensão dos acontecimentos, permite uma leitura alternativa e leve, embora nem por isso, ingênua ou inócua.

O riso e a comicidade encontram na crônica o espaço ideal para manifestar as verdades incontidas no discurso oficial de outros textos, considerando a permissão nela presente como entretenimento disfarçado de engajamento. Sobre esse viés de divertir e

entreter, vale registrar as palavras de Antonio Cândido (1992, p. 15) sobre a evolução da crônica:

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar [...] para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e [...] se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro.

A comicidade foi uma saída plausível e compreensível, especialmente no contexto ditatorial, em que se encontrava inserida a publicação dessa coluna de crônicas. Algumas das publicações fazem uso alusivo à situação, mesmo que de maneira indireta. Vejamos uma menção mais clara nessa transcrição:

Esta edição de alguns trechos da Bíblia Sagrada é dedicada especialmente aos deputados federais do Brasil.

“O meu amado é para mim um ramalhete de mirra. Morará entre os meus censurados.

“Eis como és gentil e agradável, oh amado meu: o nosso censurado é viçoso.

“O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho do censurado: eis que está detrás de nossa parede, olhando pelas janelas.

“ O teu pescoço é como a torre de David, edificada para pendurar armas: mil escudos pendem dela, dos broquéis de valorosos.

“Os teus dois censurados são como dois olhos gêmeos de gazela, que se apresentam entre os lírios.

“Favos de mel manam dos teus lábios, oh minha espôsa! Mel e leite estão debaixo de tua censurada e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano.

“Os teus censurados são um pomar de romãs com frutos excelentes: o cipreste e o nardo.

“Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul: assopra no meu jardim para que se derramem os seus aromas: ah, se viesse o meu amado para o seu jardim e censurasse os seus frutos excelentes! (RIBEIRO, 1970b, p. 1)

Nesse texto, lê-se a paródia de alguns trechos do texto bíblico de Cantares de Salomão ou Cântico dos Cânticos, em que o poeta faz uma descrição, no texto parodiado, da mulher amada. A comicidade da crônica transcrita acima é produzida pela supressão, na crônica, das palavras ligadas às partes eróticas do corpo ou quaisquer palavras consideradas indesejadas pelo discurso sério. Então, as palavras como seio, seios, veado seriam objeto de censura e, portanto, substituídas pelas palavras: censurado, censurados, censurada e censurassem.

O riso espraia-se na coluna também como objeto de um discurso mais autobiográfico. A coluna *Satyricon* coincide com o início da carreira literária de João Ubaldo Ribeiro, desenvolvida paralelamente às suas atividades como redator e cronista naquele contexto. O trecho da crônica abaixo citada serve como registro do espaço biográfico, onde o escritor comenta a recepção da sua obra literária, de forma leve e despretensiosa:

Mas não é isso. Eu tenho um livro escrito e algumas pessoas compram esse livro. Como o título é “Setembro Não Tem Sentido”, suponho que os compradores são todos nascidos em Setembro, que julga poder esclarecer, pela leitura do livro, tão insólita afirmação sobre seu mês de aniversário. Pessoalmente eu nunca vi ninguém compara meu livro, embora tenha feito diversas tentativas, encostado pelos cantos das livrarias, olhando os balcões de soslaio, com ares misteriosos. Deve ter gente que pensa que eu sou investigador, ou coisa parecida. Mas só vi alguém pegar meu livro uma vez e foi uma velhinha muito simpática, que segurou um exemplar, abriu no meio, leu durante cerca de um minuto, cheirou e largou o troço lá mesmo. Não deve ter gostado do cheiro. Outra vez, presenciei uma devolução. Uma moça trocou meu livro por dois romances policiais, daqueles portugueses. Bem, pelo menos valia dois romances policiais. Só que ela não precisava ter usado aqueles objetivos em relação a meu livro, feriu meus sentimentos.(RIBEIRO, 1969a, p. 1).

Não apenas a sua obra é citada em *Satyricon*, mas também, nesse viés biográfico, João Ubaldo, por diversas vezes, comenta sobre seu ofício como cronista:

É sempre consolador saber que o que a gente escreve tem um destino condigno. O que a gente escreve são os nossos pensamentos solidificados na tinta e no papel para as gerações futuras. Dessa forma nunca morremos, nós, os que escrevemos. Tudo o que sai de nossa mão e ganha a impressão fica permanentemente incorporado ao patrimônio da posteridade. Isso pode ser comprovado, inclusive, através de um levantamento que eu fiz ainda outro dia, sobre o destino de minhas crônicas, que é o seguinte:

Exemplares estragados, enquanto o pessoal da rotativa acerta a máquina – 500.

Papel de embrulho para peixes, ovos, abacaxis e produtos diversos – 5.400.

Embalagem para o chamado “pombo sem asa” – 600.

Fôrros para latas de lixo, cachorrinho da madame e quejandos – 1.900.

Papel higiênico – 3.200.

Coleções dos membros do meu numeroso fã clube – 2.

Neste levantamento, é claro, há algumas imprecisões, porque nunca é fácil a gente obter todos os dados referentes a determinado problema. Haverá, na verdade, uns dois ou três usos para minhas crônicas que eu prefiro ignorar, com altivez que me caracteriza. (RIBEIRO, 1969b, p. 1)

Além do exercício como redator diário, nas descrições feitas nessa produção, Ubaldo Ribeiro ironiza a respeito da transitoriedade do texto de jornal, brincando com números e situações diversas a que seriam destinadas as folhas do periódico.

A comicidade é um recurso favorável também ao enfrentamento da censura à imprensa imposta pela ditadura. O fato não passa despercebido como objeto de crítica em *Satyricon*, onde Ubaldo, de forma mais explícita, descreve a postura ideológica de personalidades da política local em algumas produções da coluna. Eis aqui também um trecho de uma hipotética entrevista, em que se nota a menção ao prefeito em exercício pelas iniciais do entrevistado<sup>4</sup>:

- Então o senhor acha que o Ministro não é esquerdista?  
- Não, meu filho, não ponha palavras em minha boca. Êsse, aliás, é um hábito de toda essa imprensa infiltrada e controlada por comunistas! Ficam deturpando nessas declarações, escrevendo coisas que não dissemos, contribuindo para lançar um clima de mal estar em toda a nação. Você sabe, meu filho, pode ter certeza, essa corja, se vivesse na Rússia, estava toda na Sibéria, em trabalhos forçados. Lá eles não passam a mão pela cabeça, como aqui. Trabalhos forçados, trabalhos forçados! Aliás, é o que eles merecem mesmo. Olhe, se eu fôsse alguma coisa neste país, se eu tivesse em minhas mãos... (RIBEIRO, 1969d, p. 1)

A menção direta ou indireta a políticos ou personalidades ligadas, sobretudo, à política local e à nacional, de forma sutil e, por vezes, mais abertamente, é encontrada em todo o período da publicação dessa coluna. Isso torna a pesquisa da coluna *Satyricon* um substancial substrato do cenário político na Bahia e no Brasil para ser analisado por estudiosos da história literária e política baiana. Entretanto, esse mosaico de circunstâncias históricas e culturais ligadas ao referido contexto é melhor desenhado com a leveza, o riso e a ironia recorrente nessas produções de João Ubaldo, traços aliás característicos de outras produções literárias do escritor.

---

<sup>4</sup> A crônica publicada em 06 de setembro de 1969, intitulada “Antonio Destro Medievo”, coincide com o período da gestão de Antônio Carlos Magalhães, no contexto histórico dessa publicação. As duas iniciais – ADM (da crônica) e ACM (do prefeito) – semelhantes permitem inferir a crítica presente nessa produção, especialmente, pela rivalidade entre o político e os editores do periódico em que era publicada a coluna *Satyricon*, como citado anteriormente.

## Considerações finais

É preciso considerar a importância da obra literária do escritor João Ubaldo Ribeiro como forma de compreender um pouco mais a história da Bahia e do Brasil, de uma maneira bastante inusitada para os cânones da teoria e crítica literárias. No entanto, o inegável reconhecimento da mesma, tanto do público quanto da crítica, dentro e fora do país, torna a sua produção objeto de interesse acadêmico pelo seu comprometimento histórico, cultural e mesmo literário.

Conhecer um pouco mais de sua trajetória inicial como redator de jornal, colunista diário e cronista, permite entender meandros de sua trajetória como escritor engajado, vinculado a um coro ideológico comum a seus pares intelectuais, também na difícil época da ditadura. Torna-se, portanto, inequívoca a relevância sócio-histórica e cultural desse fragmento da bibliografia de João Ubaldo Ribeiro na coluna *Satyricon*. É inegável. Nesse espaço, encontram-se as vozes de um escritor em ascensão, do cronista, do leitor, do cidadão baiano e brasileiro que lê, de forma crítica e cômica, os acontecimentos diários, demonstrando uma capacidade de análise sutil, por vezes, e mais direta em outros momentos.

Em tempos de copa do mundo, o drible ao cerco da ditadura usado pelo escritor foram o riso e a comicidade. Diferente de outros colegas seus, colaboradores e jornalistas do Jornal da Bahia e de outros periódicos daquele período, que sofreram retaliações mais diretas, João Ubaldo Ribeiro encontrou na ironia e na sátira formas inteligentes de dizer duras verdades que não podiam ser ditas de outra forma naquele período de tensão, repressão e mordada ideológica.

Para isso, foi preciso coragem, criatividade e tenacidade para romper o interdito com graça e inteligência. Algumas vezes, de forma sutil, e, em outras, também enfática, João Ubaldo Ribeiro confirma seus passos iniciais como intelectual, cumprindo sua função de crítica e reação ao *status quo* na coluna *Satyricon*.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. Tradução Yara Frateschi. São Paulo/ Brasília: Hucitec, 1996.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BERND, Zilé; UTÉZA, Francis. **O caminho do meio**: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CÂNDIDO, Antonio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

FRANCESCHI, Antonio Fernando (Org.). João Ubaldo Ribeiro. **Cadernos da literatura brasileira**, n. 7, mar. 1999.

FALCÃO, João. **Não deixe essa chama se apagar**. História do Jornal da Bahia. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

GOMES, João Carlos Teixeira. **Memórias das Trevas**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

MARTINS, Priscila Rosa. . Revisitando a crônica brasileira: a condição do cronista. **Estação Literária**, Londrina, Vagão-volume 6, p. 107-114, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL6Art12.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2013.

RIBEIRO, João Ubaldo. Legião do Dêndê. **Jornal da Bahia**, Salvador, 5 jul. 1969a. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. O sucesso literário. **Jornal da Bahia**, Salvador, 15 jul. 1969b. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. Apollo vista daqui. **Jornal da Bahia**, Salvador, 11 jan. 1969c. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. Entrevista com Antonio Destro Medievo. **Jornal da Bahia**, Salvador, 6 set. 1969d. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. Está muito fraca hoje. **Jornal da Bahia**, Salvador, 14 jul. 1970a. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. Legião do Dêndê. Satyricon, **Jornal da Bahia**, caderno 2, p. 1, 05 de julho de 1969

RIBEIRO, João Ubaldo. Cântico dos cânticos. **Jornal da Bahia**, Salvador, 17/18 mai. 1970b. Caderno 2, Satyricon, p. 1.

RIBEIRO, João Ubaldo. O sucesso literário. Satyricon, **Jornal da Bahia**, caderno 2, p.1, 15 de julho de 1969.

RIBEIRO, João Ubaldo. Entrevista com Antonio Destro Medievo. Satyricon, **Jornal da Bahia**. Caderno 2, p.1, 06 de setembro de 1969.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.